

## **Do Realismo ao Apelo ao Insólito: Estratégias Literárias Frente à Barbárie**

### **From realism to the appeal to the unusual: literary strategies against barbarism**

Daniel M. Laks\*<sup>1</sup>

\* Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos - SP, 13565-905,  
e-mail: daniellaks@yahoo.com

**Resumo:** O presente artigo parte do poema "Tiránias", publicado no livro *Visão do Têrreo*, do brasileiro Ruy Proença, para pensar a maneira como a literatura angolana, que se faz em oposição aos autoritarismos, variou de uma estratégia realista para um apelo ao insólito, como forma de representar e de se opor a momentos históricos marcados pela violência dos que governam. No poema, Ruy Proença postula que antes as paredes tinham ouvidos, mas hoje os ouvidos têm paredes. Por isso, de nada adianta gritar. O grito, que parece remeter a uma representação da estratégia realista passa a dar lugar a uma estética do absurdo, ouvidos com paredes, que se relaciona com um cenário político marcado pelo contrassenso. A análise pretende-se a discutir dois contos: "O cipaio Mandombe", escrito em maio de 1962, pelo angolano António Cardoso e "O triste fim de Jair Messias Bolsonaro", publicado em setembro de 2019, pelo também angolano José Eduardo Agualusa. O artigo também intenta pensar uma abertura da literatura angolana contemporânea para além do seu território nacional, justificando assim a relação estabelecida com o Brasil no conto de Agualusa, bem como o uso do poema brasileiro como aporte teórico para se pensar a narrativa angolana. Assim, o apelo ao insólito, estaria relacionado ao diagnóstico de uma problemática transnacional, que irmana condições semelhantes em países distintos.

**Palavras-chave:** Autoritarismos. Literatura angolana. António Cardoso. José Eduardo Agualusa.

**Abstract:** This article starts from the poem "Tiránias", published in the book *Visão do Têrreo*, by Brazilian Ruy Proença, to think about the way Angolan literature, which is done in opposition to authoritarianism, varied from a realistic strategy to an appeal to the unusual, as a way of representing and opposing historical moments marked by the violence of those who govern. In the poem, Ruy Proença postulates that before the walls had ears, but today the ears have walls. Therefore, there is no use shouting. The cry, which seems to refer to a representation of the realistic strategy, gives way to an aesthetic of the absurd, heard with walls, which is related to a political scenario marked by nonsense. The analysis aims to discuss two short stories: "O cipaio Mandombe", written in May 1962, by the Angolan António

<sup>1</sup> É professor adjunto e professor do quadro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos. Realizou pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense com financiamento FAPERJ (Bolsa FAPERJ Nota 10). Possui doutorado pelo programa de pós-graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com período sanduíche de doze meses na Universidade de Coimbra (2016). Possui mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2011). Email: daniellaks@yahoo.com

Cardoso and "The sad end of Jair Messias Bolsonaro", published in September 2019, by the also Angolan José Eduardo Agualusa. The work also intends to think about an opening of contemporary Angolan literature beyond its national territory, thus justifying the relationship established with Brazil in the tale of Agualusa, as well as the use of the Brazilian poem as a theoretical contribution to think the Angolan narrative. Thus, the appeal to the unusual, would be related to the diagnosis of a transnational problem, which brings together similar conditions in different countries.

**Keywords:** Authoritarianism. Angolan Literature. António Cardoso. José Eduardo Agualusa.

O presente artigo parte do poema "Tiranias", do brasileiro Ruy Proença, tomado como referencial teórico, para pensar a maneira como a literatura, que se faz em oposição a regimes autoritários, variou de uma estratégia realista, em meados da década de 1960, para um apelo ao insólito, nos dias de hoje, como forma de representar momentos históricos marcados pela violência dos que governam e daqueles que os apoiam. Tomarei como exemplo dessa hipótese de dinâmica, dois contos de autores angolanos: "O cipaio Mandombe", escrito em 1962, por António Cardoso, no Pavilhão Prisional da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), em São Paulo (Luanda), e "O triste fim de Jair Messias Bolsonaro", escrito em Portugal, por José Eduardo Agualusa e publicado originalmente na revista *Visão*, em 2019.

A escolha dos dois contos de autores angolanos também não se coloca aqui de maneira accidental. Esta, pretende ser demonstrativa de uma outra hipótese: a de que as literaturas de combate ao autoritarismo, baseadas em uma estratégia realista, da segunda metade do século XX, focalizavam preferencialmente as especificidades das dinâmicas nacionais, enquanto o que parece se apresentar como tendência contemporânea, o apelo ao insólito, estaria relacionado ao diagnóstico de uma problemática transnacional, que irmana condições semelhantes em países distintos. Por isso, a escolha dos dois contos, um, o de Cardoso, que fala especificamente da conjuntura angolana dos anos de 1960, e o outro, de Agualusa, que fala do Brasil contemporâneo. Assim, minha proposta aqui é utilizar um poema brasileiro para pensar Angola a partir de dois contos, um que olha para dentro e o outro que olha de volta para o Brasil.

Começemos, portanto, pelo poema de Ruy Proença, retirado do livro *Visão do Térreo*, de 2007:

TIRANIAS

antigamente

diziam: cuidado,  
 as paredes têm ouvidos

então  
 falávamos baixo  
 nos policiávamos

hoje  
 as coisas mudaram:  
 os ouvidos têm paredes

de nada  
 adianta  
 gritar (PROENÇA, 2007, p. 11).

O poema expressa dois momentos diferentes. A primeira parte, que trata de um antigamente, faz referência a um momento de presença de um regime ditatorial claramente instaurado. Os indivíduos eram constantemente vigiados e temiam sofrer perseguições por aquilo que falavam ou faziam. As paredes tinham ouvidos. Ainda assim, mesmo falando baixo e se policiando, as pessoas falavam e apostavam no diálogo como estratégia. Nesse sentido, a primeira parte do poema parece se referir a um momento onde acreditava-se que conscientizar o outro era o necessário para que este se revoltasse também contra o que acontecia. Um diagnóstico de que as ações criminosas do regime ditatorial não eram conhecidas por todos e, acabando com esse desconhecimento, através da comunicação, as pessoas se sentiriam ultrajadas e se juntariam para derrotar os desmandos autoritários do poder. Essa primeira parte, portanto, parece referir-se a um período de aposta numa estratégia realista de representação e de contraposição: os códigos linguísticos são compartilhados e o necessário é vencer o desconhecimento.

A segunda parte do poema, que expressa outra temporalidade, os dias de hoje, inverte a situação. Agora, não são mais as paredes que têm ouvidos, mas os ouvidos que têm paredes. Essa inversão parece apontar, primeiro, para um autoritarismo menos evidente, já que não se baseia em mecanismos de vigília como delatores ou polícias políticas e, segundo, para um momento de falência da capacidade comunicativa: "de nada adianta gritar". O problema, portanto, não se dá por uma falta de informação que pode ser remediada pela conscientização, mas por algo que interrompe a linguagem, uma parede que recusa, ouvidos tampados que impedem o diálogo. A segunda parte do poema, portanto, apresenta um quadro onde a estratégia realista de nada adianta, narrar o que acontece não é o suficiente frente ao outro que se recusa a escutar. Não há um problema de desconhecimento, mas uma impossibilidade de se estabelecer uma conversa.

O primeiro conto escolhido para compor esse artigo foi escrito em um período de franco regime ditatorial, quando Angola ainda estava sob a égide do colonialismo português. Seu autor, António Cardoso, militante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), foi preso pela primeira vez em 1959 e, depois, novamente em 1961 por conta de suas atividades revolucionárias. Passou aproximadamente três anos em cadeias de Luanda e cerca de dez anos no Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, sendo libertado apenas em maio de 1974, após o fim do regime fascista em Portugal.

O conto "O cipaio Mandombe", pertencente ao livro *Baixa e Musseques*, narra a história de um homem angolano chamado Mandombe, que vivia num povoado no interior do país. Mandombe não tinha dinheiro para pagar os impostos, estava apaixonado por uma moça, mas não tinha condições de pagar o seu alembamento, uma espécie de dote, para que pudessem se casar. Então, após conversar com um tio, que completou o serviço militar e conseguiu virar motorista, ele decide se alistar para servir ao exército em Luanda, com planos de, depois de cumprir com seu tempo como recruta, arranjar um emprego, juntar dinheiro e retornar ao seu povoado para realizar seus sonhos.

Mandombe e todos os outros novos recrutas foram extremamente maltratados ao chegarem ao exercito, sofrendo diversas violências e humilhações:

Foram duros e violentos os primeiros tempos. Cada grupo de 40 homens evolucionava todo o dia ao sol, sempre a ouvir os berros dos cabos milicianos e dos furriéis: sentido!, direita volver; em frente, marche!; alto! Muitos enganavam-se e então havia "chapada na cara", insultos, e se era o "nosso tenente", saía mesmo chicote pequeno...(CARDOSO, 1985, p. 25).

De todos os da turma de Mandombe, entretanto, um sofria mais do que os outros, um jovem franzino apelidado pelos cabos de Fifi. Aos poucos, o tratamento agressivo foi alterando os homens e transformando-os em seres embrutecidos, capazes de submeter os recrutas do ano seguinte às mesmas barbaridades. Ao longo do serviço militar, para além dos momentos em que foram submetidos a violências físicas e psicológicas por parte dos oficiais, todos aprenderam a atirar, montar e desmontar armas, receberam lições de português, matemática, geografia, ciências, além de noções de higiene, moral e história da pátria. Fifi, muito inteligente, distinguia-se dos demais pelas capacidades intelectuais e passou a servir, de forma não oficial, como uma espécie de tutor para ajudar no aprendizado dos companheiros. Assim, Mandombe, sempre muito interessado em aprender, foi criando um laço de afinidade com Fifi.

Terminados os anos de serviço, chegou a hora dos recrutas serem dados como prontos. Os mais velhos ou muito jovens viravam criados dos oficiais, exercendo a função de faxineiros. No ano seguinte, alguns entravam outra vez na recruta e outros eram dispensados. Alguns, e Mandombe estava nesse grupo, foram escolhidos para futuros soldados, podendo seguir depois para a patente de segundos-cabos. Na disputa pelas especialidades, as funções de motorista e mecânico eram as mais disputadas. Entretanto, por uma implicância do cabo responsável, Mandombe não conseguiu o lugar que almejava, tendo seus sonhos e projetos arruinados. Para castigá-lo, mandaram-no para tocar caixa. Depois dos dois primeiros anos na nova ocupação, Mandombe já era uma pessoa completamente diferente daquela que chegara a Luanda. Não queria mais voltar ao seu povoado, tornara-se rancoroso e vivia sempre com raiva. Após receber a notícia de que a jovem pela qual era apaixonado casara-se com outro, arrumou mulher em Luanda e passou a viver, com ela e com a filha que tiveram, no musseque. A desilusão e o embrutecimento de Mandombe chegam à sua expressão máxima quando, um dia, avisam-lhe que havia sido escolhido para cipaio: "depois sentiu repulsa, raiva até por ser alto, bem construído e por ter demonstrado ser ágil e destemido durante todo o tempo da tropa. Pois é, julgavam ele era bom para dar porrada nos outros da sua cor..." (CARDOSO, 1985, p. 31). Mandombe então começa a beber, torna-se violento com sua filha e com sua esposa, que passa a desprezá-lo.

O clímax do conto se dá quando Mandombe é chamado para lidar com uma confusão e, entre os detidos no posto da guarda, estava o antigo companheiro de tropa, agora um homem feito, aquele que os oficiais brancos chamavam de Fifi. Para tentar ajudar, Mandombe procura o oficial responsável e explica-lhe a situação do amigo, interpretando a resposta deste como uma adesão ao seu pedido. Entretanto, para sua surpresa, é chamado, no dia seguinte, para "colaborar na justiça dos presos da véspera" (CARDOSO, 1985, p. 34), começando por submeter o Fifi à palmatória. Mandombe pensa em se revoltar, mas é impedido pelo olhar e pela fala do amigo, que lhe pede que administre o castigo. Depois, quando o chefe se retirou, Fifi, com as mãos inchadas e sangrentas entre as coxas, diz a Mandombe: "eu vi que tu ias fazer desgraça e a gente é amigo... Ele te matava..." (CARDOSO, 1985, p. 34).

O conto de Arnaldo Santos centra-se numa questão específica das colônias portuguesas, a condição de assimilado como categoria presente no espaço colonial. Nos termos definidos pelo artigo 56 do Estatuto dos Indígenas Portugueses (pp. 114-115), para que um natural de Angola, por exemplo, adquirisse cidadania portuguesa deveria

satisfazer cumulativamente as seguintes categorias: a) ter mais de 18 anos. b) falar corretamente a língua portuguesa. c) exercer profissão, arte ou ofício que auñera rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim; d) ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses; e) não ter sido notado como refratário ao serviço militar, nem dado como desertor. Assim, a estratégia realista empregada pelo autor no conto parece ter como objetivo conscientizar os leitores para as armadilhas do processo de tornar-se um assimilado, representando este como alguém que, ao fim e ao cabo, não ocupa uma posição de igualdade com os colonos portugueses, ao mesmo tempo em que torna-se um traidor de seu povo, tendo, assim, sua vida para sempre desgraçada.

O conto de José Eduardo Agualusa, "O triste fim de Jair Messias Bolsonaro", como o nome já indica, não fala da Angola da segunda metade do século XX, mas do Brasil contemporâneo. Isso, de cara, indica uma abertura para temas diversos, situando a produção literária de um país para além das preocupações com o espaço interno de suas fronteiras. Além disso, o conto de Agualusa, ao contrário do de Arnaldo Santos, não investe em uma estratégia realista de representação, mas constrói-se a partir de um apelo ao insólito. O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, um homem paranoico e com mania de perseguição, mandara colocar sua cama dentro de um armário e era ali que dormia. Sua esposa, Michelle, recusava-se a dormir ali com ele e seus aliados políticos, como o Major Olímpio, não aceitavam entrar no armário, pois "isso não é hétero" (AGUALUSA, 2019, p. s/n). Além da homofobia e paranoia característica do presidente e seus aliados, o conto representa também seu autoritarismo, quando Jair decide mudar o nome do Palácio da Alvorada para Palácio do Crepúsculo, nome que tinha certa dificuldade em pronunciar, já que Alvorada "é coisa de comunista! ... Certamente foi ideia desse Niemeyer, um esquerdopata sem vergonha." (AGUALUSA, 2019, p. s/n).

Certa noite, Jair Messias Bolsonaro despertou dentro de seu closet com o barulho de uma gargalhada. Tentou, com as mãos trêmulas, procurar sua pistola debaixo do travesseiro, mas ouviu uma voz, com um leve sotaque baiano, dizendo que não valia a pena. Era um Anhangá, criatura do folclore brasileiro, um espírito protetor das florestas que pode tomar a forma que quiser, sendo a mais comum delas a de um "veado branco com olhos de fogo, chifres cobertos de pelos e uma cruz na testa - o suaçu-anhanga" (ALVES, 2017, p. 27). No conto, o Anhangá aparece primeiro como veado, depois transforma-se em um índio. Jair pensa ser uma alucinação, um pesadelo, questão que

remete também à lenda brasileira, que o Anhangá causa febre e, às vezes, até delírios em suas vítimas. Jair, então, expressa ao *mira-anhanga*, forma humana do espírito, suas concepções sobre os índios e sobre a Amazônia:

– Já entendi. Michelle me explicou esse negócio dos pesadelos. Você é meu inconsciente querendo me sacanear. Quer saber mesmo o que acho da Amazônia?! Quero que aquela merda arda toda! Aquilo é só árvore inútil, não tem serventia. Mas no subsolo há muito nióbio. Você sabe o que é nióbio? Não sabe porque você é índio, e índio é burro, é preguiçoso. O pessoal faz cordãozinho de nióbio. As vantagens em relação ao ouro são as cores e não tem reação alérgica. Nióbio é muito mais valioso do que o ouro... (AGUALUSA, 2019, p. s/n).

O Anhangá transforma-se então em uma onça enfurecida e lança-se contra Bolsonaro, colocando um laço em seu pescoço e transportando-o para uma pedra larga em meio a uma floresta em chamas. Jair, aterrorizado, ergue-se, incrédulo, enquanto o incêndio avançava sobre a pedra e diz para o espírito que ele não pode deixá-lo lá, que ele é o presidente do Brasil. Então, o Anhangá diz: "-era" (AGUALUSA, 2019, p. s/n), lança um rugido e desaparece no ar.

Na manhã seguinte, o ajudante de ordens entra no closet e não encontra sinais de Bolsonaro. Um capitão do exército, que nascera e crescera numa fazenda do Pantanal, assegura que o lugar todo cheira a onça, mas ninguém o leva a sério. Ao ser informada do desaparecimento do marido, Michelle soltou um suspiro profundo de alívio. Também os generais, quase todos os políticos, os artistas e escritores soltaram um fundo suspiro de alívio. O conto termina, portanto, com todos respirando aliviados com o desaparecimento de presidente e o país podendo recomeçar a sua vida normal, como se esse mal que se abateu nunca tivesse acontecido:

Os gramáticos e outros zeladores do idioma, na solidão dos respetivos escritórios, soltaram um fundo suspiro de alívio. Os cientistas soltaram um fundo suspiro de alívio. Os grandes fazendeiros soltaram um fundo suspiro de alívio. Os pobres, nos morros do Rio de Janeiro, nas ruas cruéis de São Paulo, nas palafitas do Recife, soltaram um fundo suspiro de alívio. As mães de santo, nos terreiros, soltaram um fundo suspiro de alívio. Os gays, em toda a parte, soltaram um fundo suspiro de alívio. Os índios, nas florestas, soltaram um fundo suspiro de alívio. As aves, nas matas, e os peixes, nos rios e no mar, soltaram um fundo suspiro de alívio. O Brasil, enfim, soltou um fundo suspiro de alívio – e a vida recomeçou, como se nunca, à superfície do planeta Terra, tivesse existido uma doença chamada Jair Messias Bolsonaro. (AGUALUSA, 2019, p. s/n).

A professora e pesquisadora Renata Flávia da Silva, da Universidade Federal Fluminense, em conferência apresentada no Encontro Intermediário do Grupo de Trabalho da ANPOLL "Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa", realizado em 2019 na Universidade Federal de São Carlos, propôs que o apelo ao insólito, na obra de José Eduardo Agualusa, está ligado a uma maneira de representar o absurdo que é a situação social e política em Angola, afastando-se, portanto, de concepções como o realismo mágico ou o chamado realismo animista. A proposta, que apresentei aqui nesse artigo, parte da reflexão desenvolvida por Renata Flávia da Silva, estendendo-a, entretanto, para além do espaço angolano. O apelo ao insólito, no conto "O triste fim de Jair Messias Bolsonaro", parece indicar uma abertura para se pensar o fenômeno do autoritarismo contemporâneo como uma problemática que excede fronteiras nacionais. Assim, somente uma outra lógica, a do mágico, do onírico, do absurdo, pode dar conta da representação do cenário político e social fascistizado que o Brasil do conto e da presidência de Bolsonaro resumem.

A reflexão desenvolvida aqui, de que as representações literárias enquanto forma de embate contra os autoritarismos contemporâneos, abrirão mão do investimento no realismo para apostarem numa estética do absurdo, que mobiliza elementos insólitos e fantásticos, apresenta-se, no momento, enquanto hipótese. A recusa ao diálogo, os ataques à imprensa, aos cientistas, professores, universidades, Organização Mundial da Saúde, entre outros, que caracteriza as políticas e ações de indivíduos como Jair Bolsonaro, Donald Trump, Boris Jhonson, outros representantes da extrema-direita mundial e seus apoiadores, parece servir como evidência desse momento onde de paredes com ouvidos passamos a ouvidos com paredes. No momento onde a capacidade comunicativa da linguagem falha, precisamos mais ainda da literatura e da sua potência de produção de modos de subjetivação. É justamente agora, quando nem o grito comunica mais, que devemos nos lançar, como o Anhangá-onça do conto, e extirpar a doença que nos assola para que nós, também, como no conto, possamos respirar aliviados.

#### REFERÊNCIAS:

AGUALUSA, José Eduardo. *O triste fim de Jair Messias Bolsonaro*. Revista Visão, 2019. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/opiniao/a/nem-tudo-e-ficcao/2019-09-26-o-triste-fim-de-jair-messias-bolsonaro/>



ALVES, Januárias Cristina. *Abecedário de personagens do folclore brasileiro: e suas histórias maravilhosas*. São Paulo: Edições SESC, 2017.

CARDOSO, António. *Baixa e Musseques*. Havana: Ediciones Cubanas, 1985

PROENÇA, Ruy. *Visão do terreo*. São Paulo: Editora 34, 2007.

Data de recebimento: 14/04/2021

Data de aprovação: 06/12/2021